

PAULO FREIRE, UM EDUCADOR MARXISTA¹

Dr. Juha Suoranta  0000-0002-5206-0115
Tampere University

RESUMO: Este artigo analisa o brasileiro Paulo Freire, um dos grandes pensadores da educação do século XXI, como pensador marxista crítico. Políticos e governos de direita, como Jair Bolsonaro, que governou o Brasil entre 2018 e 2022, denunciaram seus ideais políticos e educacionais. Por outro lado, a esquerda elogiou e aplicou o pensamento e a práxis de Freire. O legado de Freire está em sua pedagogia dos oprimidos, sua forte oposição ao extremismo de direita e sua crença em políticas e práxis educacionais democráticas.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Paulo Freire; Karl Marx; Revolução.

PAULO FREIRE, A MARXIST EDUCATOR

ABSTRACT: This article analyzes Brazilian-born Paulo Freire, one of the great thinkers in the education of the 21st century, as a critical Marxist thinker. Right-wing politicians and governments, such as Jair Bolsonaro, who ruled Brazil between 2018 and 2022, denounced his political and educational ideals. On the other hand, the left-wing praised and applied Freire's thinking and praxis. Freire's legacy is in his pedagogy of the oppressed, his strong opposition to right-wing extremism, and his belief in democratic educational politics and praxis.

KEYWORDS: Education; Paulo Freire; Karl Marx; Revolution.

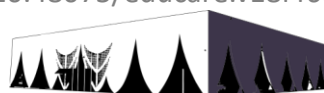
¹ **Tradução:** Ana Paula Camargo

MBA em Educação da Tampere University, Finlândia. email: ana.ciriococamargo@tuni.fi

Revisão técnica: Prof. Dr. Eduardo Portanova Barros

PNPD/CAPES UNIOESTE-PR. e-mail: eduardoportanova@hotmail.com

ORCID:0000-0001-5832-5711



1 FREIRE PERIGOSO?

Jair Bolsonaro, presidente do Brasil que assumiu o cargo em 2019 (até 2022), afirmou que as escolas do país preparam os alunos para a militância política por causa de seu compatriota Paulo Freire (1921–1997), um teórico educacional mundialmente famoso. Ele também acredita que a “besteira marxista” de Freire havia arruinado todo o sistema escolar e o colocado contra os valores tradicionais da família e da igreja. O então ministro da Educação de Bolsonaro, Ricardo Vélez Rodríguez, afirmou que “entraria no Ministério da Educação com um lança-chamas para remover Paulo Freire” (OSBORNE, 2019). Por sua vez, Abraham Weintraub, então sucessor de Vélez Rodríguez, comparou o pensamento de Freire a “vodu sem prova científica” no jornal conservador *Gazeta do Povo* (2019). A elite do poder brasileiro e as forças conservadoras, em geral, ridicularizaram Freire com nomes insultuosos como “patrono da doutrinação”, “militante pseudo-intelectual” ou “um traidor de Cristo e do povo brasileiro” (WOODS, 2020).

Os populistas de direita do Brasil e a elite do poder econômico-político-militar estão corretos em suas avaliações de que Freire é perigoso, do ponto de vista deles. Naturalmente, eles precisam desacreditar seu legado da melhor maneira possível, usando seu poder político, os meios de comunicação que possuem e as redes sociais para tal. Da perspectiva marxista crítica, Freire é atual e muito vivo. Quem conhece suas obras, a ascensão do extremismo de direita e o abismo cada vez maior entre ricos e pobres no Brasil e no mundo, reconhece seu significado como pensador que exerceu tanto a linguagem da crítica quanto a da esperança em pesquisa educacional e práxis, e estabelece o trabalho de Freire como um antídoto necessário para o ataque criminoso do capitalismo autoritário, além de uma leitura obrigatória para equipar o povo com uma mentalidade revolucionária e práxis educacional crítica. Esse artigo descreve o legado de Paulo Freire para a educação enquanto um revolucionário marcadamente marxista.

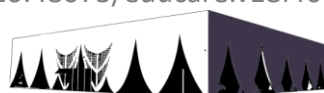


2 FREIRE NO PLURAL

Paulo Freire sem dúvida pertence aos grandes pensadores da educação do século XX. Ele foi comparado a gigantes intelectuais como Mahatma Gandhi, Antonio Gramsci e John Dewey (PETERS; BESLEY, 2015). Graças a sua fama e influência global, existem muitas interpretações de seu trabalho. Pelo menos os seguintes tipos opostos podem ser construídos a partir da literatura de pesquisa (*ver Au, 2018; GADOTTI 1994; DARDER, 2002; DARDER, 2018; KIRYLO, 2013; KIRYLO, 2020; LAKE; KRESS, 2013; MALOTT; FORD, 2015; MAYO, 2008; MCLAREN, 2000; MCLAREN, 2015; TORRES, 2014; TORRES, 2019; CASTRO, 2016*). Em primeiro lugar, há uma compreensão histórica contra uma compreensão a-histórica de Freire, na qual pesquisadores e profissionais, por um lado, contextualizam o trabalho de Freire histórica e localmente ou, por outro lado, esquecem a temporalidade e a localidade a partir da qual seu pensamento evoluiu. Outro relato recorrente do pensamento de Freire é o de um Freire prático-domesticado contra um Freire teórico-acadêmico. Alguns estudiosos e educadores leem as obras de Freire como um livro de receitas pedagógicas, procurando os métodos de ensino adequados, enquanto outros se interessam por suas raízes filosóficas, intelectuais e teóricas.

Um relato prático-domesticado esquece a crença fundamental de Freire de que a educação é uma ferramenta política, até mesmo revolucionária, nas mãos do povo que visa derrubar o capitalismo e buscar a genuína democracia socialista. O Freire político foi transformado em um homem de barba grisalha, amigo e amante do diálogo (MCLAREN, 2015, p. 146), sem muito a dizer sobre os males do mundo e como derrotá-los. A abordagem prática suplanta a política de revolução de Freire.

Uma interpretação teórico-acadêmica de Freire, por sua vez, tem pouco a ver com pedagogia e política fora dos espaços universitários e auditórios. Freire, às vezes, é usado para promover carreiras acadêmicas e interpretado como outro objeto



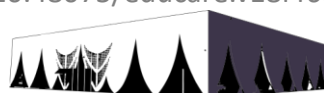
de estudo das ciências sociais. Nos piores casos, os programas universitários enfeitam suas listas de leitura com Freire e “convertem a Pedagogia do Oprimido em ‘aprendizagem de serviço acadêmico’, em “parceria’ com corporações locais e outras instituições poderosas” (MCKENNA, 2013, p. 450).

Além desses relatos do pensamento de Freire, há um Freire espiritual contra um materialista, ou Jesus contra Marx. No entanto, o próprio Freire resolveu o evidente problema “Minha relação com Marx nunca sugeriu que eu abandonasse Cristo” (FREIRE, 1996, p. 87). No caso espiritual, o pensamento de Freire é visto como parte do movimento da teologia da libertação na Igreja Católica. Em seu trabalho em comunidades cristãs de base no nordeste do Brasil, Freire, pela primeira vez, percebeu as condições opressivas dos pobres. Já no materialista, a ênfase tem sido em um Freire revolucionário, isto é, em sua tentativa de conectar o político e o pedagógico na luta contra as misérias do mundo.

Além disso, estudiosos de vários campos das ciências sociais e humanas usam Freire em seus estudos, por exemplo, em estudos sobre a paz (BURNS; WEBER, 1995; KLEIN; FINNEGAN; NELSON-PALLMEYER, 2018), estudos feministas (HOOKS, 1994), estudos africanos/sobre a população negra (KING, 2017) e “eco-pedagogias” (MISIASZEK, 2019). As interpretações revolucionárias situam a ação política e pedagógica na história e a apresentam em um determinado espaço e tempo -- no caso de Freire, o contexto socio-histórico da América Latina. No que segue, é ao Freire revolucionário que agora me volto.

3 FREIRE COMO MARXISTA REVOLUCIONÁRIO

Em sua juventude na década de 30, Paulo Freire sentiu a pobreza e se familiarizou com as ideias da esquerda. Seu bairro em Jaboatão era pobre e ele aprendeu o que a pobreza significava: uma constante escassez de alimentos e outros bens essenciais, vivendo da benevolência alheia e roubando da fome. Jaboatão era

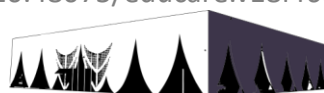


um cruzamento de ferrovias privadas estrangeiras e a área era lar de muitos ferroviários na época. A família de Freire morava em um lugar chamado Moscouzinha, pois muitos residentes pertenciam ao sindicato e apoiavam os comunistas. Em Moscouzinha, Freire brincou com os filhos dos ferroviários e ouviu sobre a ideologia comunista pela primeira vez.

O partido comunista local enviava os jovens mais inteligentes de famílias trabalhadoras para a União Soviética, para a escola do Partido em Moscou. Quando retornavam, eles podiam trabalhar no sindicato e promover a ideologia comunista. No entanto, o problema era que não conseguiam se comunicar em uma linguagem clara, que outros trabalhadores fossem capazes de entender. Eles aprenderam palavras estranhas e conceitos alheios ao seu público, tendo estudado métodos pedagógicos autoritários para instilar pensamentos prontos nas mentes dos trabalhadores. Mais tarde, Freire chamou isso de modelo bancário de educação, que não funcionava no contexto brasileiro. Muitos participantes deixavam as aulas noturnas e nunca mais voltavam (FREIRE *apud* DARDER, 2018.)

Na década de 50, antes de se voltar para o marxismo e se tornar um educador revolucionário, Freire fez carreira como alfabetizador no norte do Brasil, enfrentando a pobreza e a miséria de sua juventude nas áreas pobres da cidade e do campo. Ao ver a pobreza econômica e a fome, o entendimento de Freire sobre a subordinação dos camponeses e trabalhadores na sociedade brasileira se ampliou. Ele aprofundou seu conhecimento sobre as difíceis condições de vida em que viviam muitos de seus conterrâneos nas campanhas de alfabetização, e essas experiências o ensinaram a repensar suas visões políticas e pedagógicas, compreender a natureza profundamente política da educação e, eventualmente, virar para a esquerda.

Freire aprendeu mais ideias esquerdistas no final dos anos 50, ao participar do Movimento de Cultura Popular no Brasil, e ao planejar as campanhas de alfabetização do governo de esquerda no início dos anos 60. Ele descobriu Hegel, Marx e os filósofos de esquerda modernos em seu exílio no Chile. A junta militar de



direita assumiu o poder no Brasil em 1964 e prendeu Freire por 70 dias, acusando-o de ensinar o comunismo e de trair a Deus e a seu país. A prisão e o exílio foram “situações-limite” jasperianas e experiências decisivas para Freire, após as quais ele entendeu que interpretar o mundo - para não falar em mudá-lo - exigia uma compreensão da história e de seus rumos, uma filosofia da história.

Assim, perguntou ele, o que significa a história do ser humano e da sociedade, quem a cria e a escreve, para quem ou em nome de quem a história é feita? Freire pensava que a história não terminaria em uma ditadura militar, mas continuaria com a solidariedade das pessoas e com atos justos para sua sobrevivência e vitória. A morte de um sonho não significaria desespero, mas o nascimento da ideia de um outro mundo. Se esse mundo mais igualitário se tornaria realidade no próximo ano ou no próximo século, era impossível dizer. Freire percebeu, a partir de então, que deveria dedicar sua vida à luta pelos direitos e liberdades sociais de todo o povo. Mais importante ainda, ele reconheceu que não seria capaz de travar essa luta sozinho, mas com o povo.

Durante seu tempo no Chile, Freire estudou Marx intensamente e entendeu o que ele havia escrito em *O Capital* sobre os horrores do capitalismo e sobre capitalistas enquanto vampiros sugadores de sangue que possuíam, exploravam e se beneficiavam do trabalho morto. No Chile, Freire viveu o espírito dos anos 60: o povo levou a revolução às ruas, exigiu mudanças políticas e sociais, e Freire escreveu sua obra máxima, “Pedagogia do oprimido” (1968), no calor da década subversiva. Freire combinou suas experiências brasileiras com as descrições de Marx do século anterior (1867) em “*O capital*”, a respeito de como os capitalistas proprietários de terra expulsavam os pobres de suas casas, os transformavam em vagabundos e os “chicoteavam, marcavam, torturavam” “na disciplina necessária para o sistema salarial”. Freire podia se identificar com a narrativa de (MARX, 1867) sobre os horrores do povo nas colônias, “a extirpação, escravidão e sepultamento em minas



da população aborígene, o início da conquista e saque das Índias Orientais, a transformação da África em um labirinto para a caça comercial de peles negras”.

Era evidente para Freire que meros projetos de alfabetização não mudariam muito a sociedade capitalista. Reformas educacionais ou sociais não seriam suficientes para derrubar as leis opressivas da sociedade capitalista. Em vez de pequenas reformas políticas, o povo precisaria unir forças com seus líderes políticos de esquerda para realizar mudanças políticas significativas nos países latino-americanos e em outras partes do mundo em desenvolvimento, ou seja, para destruir o antigo regime do capitalismo feudal. Assim, como um autêntico revolucionário que queria abolir o sistema capitalista, Freire exigia que a política garantisse os direitos de todo o povo ao completo desenvolvimento pessoal e sociocultural, assim como a seu bem-estar econômico.

Freire afirmou que todo sistema educacional funciona sob a lei de reprodução, reproduzindo o sistema econômico e político dado. Por esta razão, os educadores revolucionários precisam acabar com o capitalismo e a ideologia capitalista (também conhecida como neoliberalismo), baseada em ideais perversos de individualismo, competição e ganância corporativa, e criar uma nova sociedade e instituições sociais; tais como um sistema educacional que atenda às necessidades de todas as pessoas.

Freire buscou essas novas possibilidades ao longo de sua carreira. Sua pesquisa e estudo ao longo da vida também explicam seu interesse pelos países africanos que lutaram por sua independência na década de 1970 e construíram uma identidade nacional livre do passado colonial. Freire pretendia estabelecer vínculos com países recém-independentes e lutadores pela liberdade, colaborando com movimentos de libertação como o Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO). Além disso, Freire utilizou sua

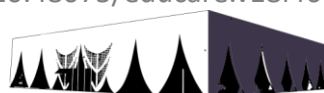


experiência em campanhas de desenvolvimento educacional e alfabetização em vários países africanos, incluindo Tanzânia, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe.

Freire manteve as ideias de Marx em seu coração, visando à revolução socialista global e a educação para a libertação. Ele admirava abertamente o ativismo combativo de Che Guevara e seus esforços na revolução comunista mundial, citando as ideias de Che em seus textos. Freire interpretou as teorias de Marx de forma criativa e as combinou com diferentes tradições filosóficas, como o existencialismo, a fenomenologia e a teologia da libertação. Ele denunciou o socialismo rígido e autoritário que não problematiza o presente e o futuro “como um tempo já conhecido, como um fato dado e não como um tempo em curso”, mas defendeu de todo o coração o socialismo democrático baseado em diálogos contínuos entre as pessoas (FREIRE, 2000, p. 48-49). Como McLaren (2000, p. 191) observou, “Freire não apenas defendeu, mas trabalhou ativamente para criar uma alternativa socialista para o que ele percebeu ser as condições inevitáveis provocadas pelo capitalismo global”.

Freire foi um pensador que questionou as visões de mundo em preto e branco e estudou tradições filosóficas, destacando a posição única dos seres humanos como criadores da história, assim como as possibilidades na criação de conhecimento e construção do mundo social. Ele não era, claro, ingênuo em seu pensamento, mas entendia que a história e a criação do mundo estavam, sem exceção, relacionadas às questões de poder e colocavam problemas epistemológicos fundamentais. Qual é a essência do conhecimento? Quem é elegível para criar uma compreensão da realidade social? Ele representou uma epistemologia relacional revolucionária e enfatizou que, em condições sociopolíticas adequadas, livres do capitalismo, os trabalhadores do mundo poderiam transformá-lo em um processo dialógico, libertando a si próprios e a seus opressores.

Freire mudou-se para a Europa para trabalhar no Conselho Mundial de Igrejas em Genebra em 1970. Durante os anos europeus, ele se tornou um orador



muito procurado e viajou pelo mundo como um “peregrino do óbvio”. Especialmente no mundo em desenvolvimento, ele viu como a elite proprietária local e internacional sugava impiedosamente o sangue da classe trabalhadora e ficou mais convencido de que as opiniões de Marx estavam corretas. Desse modo, ele nunca negou as teorias de Marx, mas as leu crítica e criativamente na matriz de outras tradições de pensamento clássico, em conjunto com a sabedoria das pessoas comuns.

4 MESTRES E ESCRAVOS

Inicialmente, Freire adotou o raciocínio dialético de G. W. F. Hegel e Karl Marx e estudou o materialismo dialético de outras fontes (STANCZYK, 2021), fazendo por seu pensamento o mesmo que Marx fez por Hegel, transformando-o em suas bases materialistas. A dialética hegeliana progride por meio de contradições, argumentos e objeções a soluções e novas contradições. A lógica costuma ser falsamente descrita como um modelo tese-antítese-síntese, embora Hegel nunca tenha usado tal modelo. A dialética significava para Hegel que qualquer “ismo” - que tem um oposto polar, ou é um ponto de vista especial que deixa o resto por sua conta - deve ser criticado pela lógica do pensamento filosófico, cujo problema é a realidade como tal, o 'Mundo em si' (MUELLER, 1958). Em termos simples, o pensamento dialético significa a contradição e sua resolução por meio de opostos transcendentais, para resultar em um pensamento mais avançado. Marx estudou a dialética de Hegel minuciosamente e fundamentou sua análise do capitalismo no conceito hegeliano de contradição. No uso de Marx, a ideia de contradição tornou-se fundamental para compreender o capitalismo. Em certo ponto, Marx afirmou que “no capitalismo tudo parece, e de fato é, contraditório” (*apud* OLLMAN, 2015, p. 19).

Além do pensamento dialético e de conceitos como a contradição, Freire também adotou de Marx uma visão de mundo materialista, na qual as pessoas são criadoras da história, assim como uma visão profunda da importância das relações



de poder que constituem a subjetividade humana e o *habitus* social. No entanto, como observou Marx (1852), apesar dos seres humanos fazerem sua história, “eles não a fazem como querem, não a fazem em circunstâncias autosselecionadas”. Em princípio, as pessoas criaram sua sociedade, instituições, regras e normas. Ainda assim, na prática, como Freire sabia, a elite capitalista reservou os assentos de primeira classe na criação da história e reprimiu implacavelmente os camponeses e a classe trabalhadora.

Seguindo o conselho de Hegel e Marx, Freire percebeu a realidade social como dois grupos opostos, os opressores e os oprimidos. Ele encontrou esse relato dialético básico na *Phänomenologie des Geistes* de Hegel (“Fenomenologia do Espírito”, 1807). De acordo com o mito de Hegel, existem inicialmente duas figuras opostas de consciência. Uma é independente e a outra é dependente. A consciência independente, que Hegel chama de mestre (*Herrschaft*), é caracterizada por ser-parasi. A consciência dependente é chamada por Hegel de escrava (*Knechtschaft*), e seu propósito é ser uma serva da *Herrschaft*.

Segundo Hegel, a dicotomia se resolve com o desenvolvimento da consciência escrava, geralmente subordinada à dominação. Primeiro, a consciência do escravo (o oprimido) depende e serve à consciência do mestre (o opressor) e não pode ser totalmente humana. Por fim, os oprimidos, que vivem e trabalham para o senhor na consciência de escravos, desenvolvem sua autoconsciência por meio do trabalho, pois “o trabalho cultiva e educa”. Assim, eles transcendem sua consciência de escravo irrefletida, mesmo nas condições de trabalho mais difíceis, e constroem uma mente própria” (HEGEL, 2018, p. 115-116, itálico na tradução para o inglês.) Na interpretação de Freire, a narrativa de Hegel se transforma em uma luta política e social liderada pelos oprimidos.

“A desumanização, que marca não só aqueles cuja humanidade foi roubada, mas também (embora de uma forma diferente) aqueles que a roubam, é uma *distorção* da vocação de se tornar mais plenamente humano. Essa *distorção* ocorre dentro da história; mas não é uma vocação histórica. Na verdade,



admitir a desumanização como vocação histórica levaria ao cinismo ou ao desespero total: a luta pela humanização, pela emancipação do trabalho, pela superação da alienação, pela afirmação do homem e da mulher como pessoas não teria sentido. Essa luta só é possível porque a desumanização, embora seja um fato histórico concreto, não é um destino dado, mas o resultado de uma ordem injusta que engendra violência nos opressores que, por sua vez, desumanizam os oprimidos. Por ser uma distorção do ser mais plenamente humano, cedo ou tarde ser menos humano leva os oprimidos a lutar contra aqueles que os tornaram assim. Para que esta luta tenha sentido, os oprimidos não devem, ao buscar reconquistar sua humanidade (que é uma forma de criá-la), tornar-se, por sua vez, opressores de seus opressores, mas sim restauradores da humanidade de ambos. Esta, então, é a grande tarefa humanística e histórica dos oprimidos: libertar a si próprios e também a seus opressores. Os opressores, que oprimem, exploram e estupram em virtude de seu poder, não podem encontrar neste poder a força para libertar os oprimidos nem a si próprios. Somente o poder que surge da fraqueza dos oprimidos será suficientemente forte para libertar ambos” (FREIRE, 2005, p. 44).

O pensamento de Freire incluiu a dimensão espiritual e os ensinamentos de Jesus de Nazaré, o que o levaram a perguntar repetidamente: por que algumas pessoas parecem gozar de direitos sociais enquanto outras estão totalmente privadas deles? Por que, em muitos países da América Latina e em outros lugares, uma pequena minoria possui tudo, enquanto a grande maioria fica sem nada? Freire viu muito em comum nos “planos de salvação” de Marx e Jesus. Em ambos os esquemas, a velha ordem era necessária para a derrubada e construção de um novo mundo. Mas, lendo Marx, Freire compreendeu que mesmo os atos piedosos de indivíduos isolados, feitos na fé religiosa e na liderança de Jesus, não seriam suficientes para alcançar uma sociedade igual para todos. A eliminação das desigualdades sociais exigia uma frente político-cultural unida do povo e de seus aliados - sindicalistas, intelectuais, estudantes, políticos e teólogos libertadores. O resultado das reflexões de Freire foi que não havia justificativa para uma ordem social injusta além da arbitrariedade da elite dominante, que legitimava seu poder com a propagação de mentiras e, quando necessário, com violência assassina. Peter McLaren resumiu o projeto revolucionário marxista de Freire para a educação da seguinte maneira:



“A pedagogia freiriana é uma história sobre a luta pela consciência crítica, interpretada como desafio às poderosas contradições dialéticas do capitalismo existentes entre o trabalho produtivo e o capital, entre a produção e a troca, e entre suas ligações e desenvolvimento históricos. Embora, em grande medida, as narrativas que orientam a pedagogia crítica se preocupem com a política de interpretação da teoria revolucionária, elas também constituem uma história imensamente pessoal da jornada dos professores em direção à consciência crítica. Independentemente dos caminhos pessoais, epistemológicos, ontológicos e morais que escolhemos seguir como educadores, em algum momento temos que nos deparar com a realidade nua e crua das relações sociais capitalistas em contextos locais e globais. Não podemos ignorar essas relações, e se quisermos nos engajar em uma práxis educacional revolucionária, precisamos fazer mais do que protestar contra o sofrimento e tribulações dos oprimidos e, em vez disso, buscar maneiras de transformá-los” (MCLAREN, 2000, p. 189-190).

5 UMA PEDAGOGIA FREIRIANA PARA A REVOLUÇÃO

Como observou Paula Allman (1994), “A Pedagogia do Oprimido contém a explicação mais elaborada da filosofia educacional de Freire”. No entanto, o que os comentaristas às vezes ignoram é que o livro também trata das premissas da revolução política e da estratégia revolucionária. A crença fundamental de Freire é que, para superar o mito hegeliano de *Herrschaft* e *Knechtschaft*, os oprimidos precisam unir forças em uma luta de libertação. As palavras de Freire às vezes são poéticas, mas a mensagem é indiscutível: a fraqueza dos oprimidos contém a semente da mudança política. Quais são, então, as condições primárias dessa luta? Depois de escrever os três primeiros capítulos da “Pedagogia do oprimido”, Freire achou que havia terminado o trabalho e que o livro estava pronto. Mas, depois de um tempo, ele entendeu que o trabalho ainda estava em andamento e teve que escrever o capítulo final sobre a revolução.

Uma inspiração significativa veio da revolução socialista de Cuba em 1959 e sua campanha de alfabetização em massa lançada em 1961. Com base no que Freire tinha ouvido sobre Cuba, ele entendeu que o capitalismo feudal da América Latina estava seriamente ultrapassado e que aqueles que viviam sob seu autoritarismo não podiam atingir todo o seu potencial. Durante décadas e séculos, os proprietários de



terras e fábricas coagiram violentamente camponeses e trabalhadores a esses sistemas brutalmente desumanos, levando-os, ao mesmo tempo, a acreditar que não havia outra opção, que não havia alternativa. Não é à toa que Freire ficou entusiasmado com a Cuba socialista, com o modelo de Che Guevara de um autêntico revolucionário e com a liderança corajosa de Fidel Castro.

No final da “Pedagogia do oprimido” (2005), Freire abordou como a revolução se materializaria e como a educação libertadora poderia potencializar o processo revolucionário. Ele primeiro descreve a teoria da ação opressiva. De acordo com a concepção de Freire, a elite dominante se define como o verdadeiro agente social da mudança ou, mais precisamente, da estagnação social e política cujo objetivo principal é preservar seu poder e a dura realidade da opressão. Freire chama suas atividades de anti-dialógicas e mostra como a elite as realiza por meio de quatro técnicas de dominação: conquista, dividir para governar, manipulação e invasão cultural. Freire observa também que um educador revolucionário marxista deve conhecer esses métodos repressivos, mas, mais importante ainda, deve aprender seu oposto, a teoria da ação revolucionária. Essa teoria consiste em quatro pilares: cooperação dialógica entre o povo e seus líderes, unidade e comunhão de todos os partidos pela libertação, uma organização adequada para a revolução político-pedagógica e síntese cultural, que transforma as pessoas de meros espectadores em agentes políticos ativos.

Além disso, na teoria da ação revolucionária, Freire descreve duas etapas do processo revolucionário. O primeiro estágio está na situação anterior à revolução, quando a tarefa dos educadores é despertar a consciência crítica dos oprimidos em campanhas de alfabetização dialógica e atividades culturais. A segunda etapa é a revolução cultural, que ocorre após a abolição da sociedade capitalista opressora. Em ambas as fases, a pedagogia revolucionária busca fortalecer e esclarecer a percepção que o povo tem de si mesmo como agente da história. Ainda, na segunda fase, a pedagogia revolucionária torna-se educação formal e sistematizada como



Freire coloca: “trata-se então de recriar, de ajudar na reinvenção da sociedade” (GADOTTI; FREIRE; GUIMARÃES, 1995; GADOTTI, 1994, p. 63). A revolução cultural visa expandir a compreensão do povo sobre os problemas políticos e sociais da antiga sociedade, e ajudá-lo a construir uma nova cultura socialista e a se libertar da opressão interna. A tarefa também é continuar a desenvolver práticas de diálogo entre os líderes e o povo, garantindo que todos possam participar no avanço de suas vidas e no exercício do poder.

Na “Pedagogia do oprimido”, Freire não anuncia diretamente como a verdadeira revolução política deve proceder e ser posta em prática, ou seja, como tomar o poder. Porém, em nota de rodapé, cita um médico cubano, Dr. Orlando Aguitre Ortiz, com quem havia discutido o assunto: “A revolução envolve três ‘P’: palavra, povo e pólvora. A explosão da pólvora esclarece a percepção do povo sobre sua situação concreta, em busca, por meio da ação, de sua libertação” (FREIRE, 2005, p. 158). Para Freire, o momento revolucionário significa um movimento do pensamento livre, para o qual não existe uma fórmula pronta, que não deve terminar com a derrubada da ordem social capitalista. Ao contrário, o momento da revogação liberta o processo dialógico de aprendizagem contínua, para a qual todos têm a oportunidade de contribuir. Às vezes, Freire expressa essa ideia citando o verso do poeta Antonio Machado (1875–1939) “o caminho é feito ao andar” de *Proverbios y Cantares* ('Provérbios e Canções') na coleção *Campos de Castilla* de 1912.

Os atores da libertação são os camponeses (*campesinos*). Ao se unirem, eles formam uma classe trabalhadora organizada com outros subalternos como os operários de fábrica. Os pensamentos de Freire sobre os perpetradores da revolução vieram de Karl Marx, que escreveu que, além da classe opressora, deve haver outra classe que se liberta da opressão. Ela começa a representar a “libertação geral da sociedade”, e “é percebida e reconhecida como sua representante geral, um momento em que suas reivindicações e direitos são verdadeiramente as reivindicações e



direitos da própria sociedade, um momento em que ela é verdadeiramente o cérebro e o coração social" (MARX, 1970, p. 18).

A questão do momento certo e dos agentes da revolução às vezes causou problemas para os intérpretes de Freire, como se Freire não tivesse aderido ao seu princípio de diálogo ao abordar o status dos líderes revolucionários, defendendo, em vez disso, o anti-diálogo autoritário. No entanto, tal ênfase não pode ser encontrada em seus textos, embora ele enfatize a importância dos líderes na mudança política e social. Os líderes são as incubadoras da mudança, mas não são os donos do povo e não têm o direito de guiá-lo cegamente em direção a um futuro melhor.

Freire define o processo revolucionário como uma atividade cultural dialógica na qual as pessoas desenvolvem sua consciência crítica. Juntas, elas compreendem sua posição oprimida como parte das condições opressivas gerais da sociedade capitalista e amadurecem sua nova compreensão, transformando-a em consciência de classe. Como acontece, pessoas com consciência de classe transformam a realidade opressora anterior em uma sociedade humana que apoia a educação crítica e o bem-estar geral de todos. Freire enfatiza que é impossível se engajar em atividades culturais dialógicas sozinho ou realizá-las por meio de esforços individuais, mas apenas trabalhando juntos. As pessoas aderem a princípios dialógicos para mudar o mundo por cooperação, não por persuasão ou manipulação. McLaren (2019, p. 460) apontou acertadamente o foco freiriano:

“Um indivíduo não precisa ser criticamente autoconsciente para sentir a obrigação de ajudar os pobres e os despossuídos. Na verdade, é no próprio ato de lutar que os indivíduos se tornam criticamente conscientes e cientes. A práxis começa com a prática. Este é o alicerce da política de solidariedade e compromisso da pedagogia crítica revolucionária”.

A atividade cultural dialógica significa colaboração com os líderes revolucionários e o povo, a partir das condições históricas e existenciais das classes oprimidas. Um camponês (ou, mais precisamente, um escravo) vive sob uma

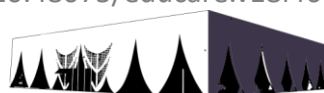


estrutura repressiva unificada no *latifúndio*, enquanto estruturas de comando descentralizadas e invisíveis controlam um trabalhador urbano. Em ambos os casos, a ação cultural visa esclarecer ao oprimido a situação objetiva que o vincula ao opressor. Desse modo, os oprimidos primeiro tomam consciência de sua opressão e depois aprendem a se ver “como pessoas impedidas de ser” (FREIRE, 2005, p. 174). Essa autodescoberta crítica faz com que os camponeses se percebam “como Pedro, Antônio, ou Josefa”, isto é, como indivíduos que se entendem como seres que podem agir e pensar reflexivamente, como transformadores da realidade: “Eles descobrem que - como pessoas - não podem mais continuar a ser 'coisas' possuídas por outros; e podem passar da consciência de si mesmos como indivíduos oprimidos para a consciência de uma classe oprimida” (2005). No entanto, tal autodescoberta é difícil se o mundo do trabalho é desumanizador:

Se, para uma pessoa, estar no mundo do trabalho é estar totalmente dependente, insegura e permanentemente ameaçada - se o seu trabalho não lhe pertence - a pessoa não pode ser realizada. O trabalho que não é libertador deixa de ser uma busca gratificante e se torna um meio eficaz de desumanização (2005, p. 145).

Freire enfatiza que o líder precisa justificar suas ações e decisões pelo estado de espírito geral e pelas informações que recebe do povo. Assim, um projeto revolucionário que visa mudar radicalmente as estruturas da sociedade não pode definir seus líderes como pensadores e seus oprimidos como seguidores. Juntos, eles desenvolvem sua capacidade de avaliar a situação socio-histórica e, assim, aumentam seu poder de decisão necessário na atividade revolucionária. Desta forma, também é possível evitar fazer das pessoas objetos de educação e evitar que vivam a exclusão social e se convertam em meros cadáveres vivos à sombra da humanidade.

Freire definiu Fidel Castro como um líder exemplar que se comprometeu com a causa do povo e estava pronto para se sacrificar por ela. Na interpretação de Freire,



Castro também foi estratégico o suficiente para fortalecer gradativamente o envolvimento do povo cubano, que já começava a se libertar de seu vínculo aos opressores. A esse respeito, Freire parece ter pensado, até certo ponto, da mesma maneira que seus predecessores, os filósofos alemães G. W. F. Hegel e Immanuel Kant, que a autonomia sensível surge em parte por meio da autoridade externa. Portanto, a liderança geralmente é sempre necessária, mas, como afirma Freire, os líderes revolucionários e o povo devem estar mutuamente comprometidos com a sociedade humana. Em camaradagem, eles resolvem as contradições e obstáculos criados pela elite dominante, e seu diálogo continuará mesmo “quando o poder for alcançado; e o povo sabe que chegou ao poder” (FREIRE, 2005, p. 164).

Freire ainda justifica sua ênfase na liderança revolucionária afirmando que o povo não resiste a fazer uma mudança política pela razão de ter vivido dominado e oprimido por muito tempo e temer o futuro, mas porque internalizou seu opressor. Assim, muitos hesitam em aderir ao movimento revolucionário por não terem certeza do que a mudança trará. Portanto, cabe ao líder revolucionário convencer as pessoas dos benefícios e melhorias que a mudança possibilita. Convencer não é uma questão de disciplina e ordem, mas um diálogo entre o líder e o povo, requerendo também imaginação social e política.

Após a revolução socialista, professores e trabalhadores culturais serão essenciais na promoção da libertação da consciência escrava por meio de práticas educacionais dialógicas e revolucionárias. Sua tarefa será renunciar às presunções existentes de um professor instruído, determinado e vocal e de um aluno ignorante e submisso como a contraparte silenciosa do professor. Eles não poderão fazer isso sob as formações sociais capitalistas, pois uma autêntica educação libertadora só pode ser alcançada no socialismo democrático. Claro, como os pedagogos críticos apontaram (ver Giroux, 1988; 2005), professores e trabalhadores culturais, usando sua autonomia relativa, podem fazer muito como intelectuais transformadores, mesmo em condições capitalistas, praticando a política e a pedagogia da esperança.



Ainda assim, para obter um sistema educacional genuinamente sustentável, o capitalismo deve ser abolido primeiro. Essa é a ordem das coisas no registro freiriano revolucionário.

6 CONCLUSÃO

Freire tem sido uma inspiração para estudiosos e educadores por décadas. Ele repetia que não queria construir um sistema teórico sociológico, pois temia que isso dogmatizasse seu pensamento e o transformasse em uma estátua de sal, como a esposa de Ló na Bíblia. Em vez disso, queria permanecer, como dizia, em permanente estado de busca, aberto às mudanças, e evitando a possibilidade de se fechar no labirinto de verdades monolíticas de sua invenção (FREIRE, 1993). O pensamento de Freire oferece um espaço aberto para reinvenções sociais e políticas que realçam a solidariedade humana e a necessidade de mudanças revolucionárias onde elas precisam ser feitas, e a luta por serviços sociais, educacionais, culturais e de saúde sempre que estiverem sob ameaça. Freire convida todos a unir forças por um mundo justo. Há uma mensagem política e pedagógica profunda em suas palavras, como McLaren (2000, p. 202) observou com precisão:

'Unidade na diversidade' - uma frase-chave nos escritos posteriores de Freire - significa que todos os grupos oprimidos devem se unir em um esforço para lutar contra a desigualdade em todas as suas manifestações odiosas. As implicações desse esforço são internacionalistas em seu escopo e planejadas para promover uma aliança de coalizão, na qual um modo de organização coletiva não suplanta todos os outros. Mas é importante lembrar que, embora a "unidade na diversidade" de Freire permita uma fusão política genuína em alianças internacionais amplas, ela não exige luta para ser uniforme. Freire implicitamente reconheceu a luta como uma materialidade corporificada que constitui múltiplos laços de pertencimento, mas também posições conflitantes dentro da coletividade.

No espírito de Freire, precisamos aprender uma cultura de escuta, mas também uma cultura de questionamento crítico, e podemos começar, isto é,



relembrar as questões fundamentais - seguindo Raju Das (2021): qual é a divisão social primária nas sociedades atuais? É entre “uma grande maioria de pessoas que possui pouco ou nenhum controle sobre os meios de produção (terras, minas, fábricas, laboratórios de pesquisa, etc.) e uma pequena minoria, que o possui?” Ou entre aqueles que Freire denominou oprimidos e os opressores? Ou outra coisa, talvez entre homens e mulheres, ou não-brancos e brancos, ou refugiados e cidadãos? É “o caso no qual a riqueza daqueles que controlam os recursos da sociedade, digamos, os 1% a 10% do topo, vem basicamente do fato de que aqueles que fazem o trabalho recebem na forma de ordenados/salários apenas uma parte do valor que eles produzem?”.

Um educador freiriano pergunta ainda: qual é o papel fundamental do estado? É “preservar as relações de propriedade existentes pelo uso efetivo da força e/ou ameaça de tal, e pelo uso de intervenções materiais e ideológicas que façam o povo aceitar ativa ou passivamente os arranjos sociais vigentes?” (DAS, 2021). As sociedades capitalistas são lugares agradáveis onde tudo está bem apenas se as pessoas trabalharem mais e seguirem a ética protestante e outros valores morais duvidosos? Quais são as funções gerais dos estados-nação? Os estados são os companheiros de cama das corporações transnacionais, ou podem ser desenvolvidos em verdadeiras democracias socialistas e servir às necessidades do povo?

As sociedades devem proteger seus habitantes e recém-chegados e fornecer a todos padrões de vida decentes, educação, saúde, remédios e moradia, ou estes devem ser abandonados à mão invisível do mercado? Quais são as funções dos sindicatos de trabalhadores, ONGs e comunidades locais em sociedades civilizadas e humanas? Qual é o futuro do mundo? Uma versão ligeiramente melhor do modelo capitalista atual, ou um lugar, “onde há democracia econômica e política; onde os recursos produtivos são democrática e coletivamente controlados por homens e mulheres de diferentes raças e nacionalidades, não para produzir lucro para alguns, mas para atender às necessidades humanas de maneira igualitária, pacífica,



ecologicamente sustentável e geograficamente equitativa; e onde há pouca distinção entre trabalho manual e mental e entre áreas rurais e urbanas?” (DAS, 2021, p. 4).

Com essas questões em mente, lembramos que Freire foi um filósofo da práxis, que praticou “uma práxis educacional radical, um método de análise e uma concepção de mundo que envolve uma compreensão dialética da realidade e uma unidade dialógica com as pessoas” (MCLAREN, 2000, p. 191). Ao questionar, aprender, pregar e viajar, ele seguiu o princípio, segundo Iris Murdoch, de que qualquer “filosofia moral deve ser habitada” (MURDOCH, 2014, p. 46). Questões e questionamentos críticos são vitais, assim como a análise radical que vai à raiz dos problemas, mas não são suficientes. Além disso, as alianças educacionais revolucionárias também precisam unir forças com partidos de esquerda e ativistas dispostos a questionar o poder dos negócios capitalistas que servem à minoria do povo, estando prontos para destruir as mesas dos cambistas e expulsar os mercadores dos Templos da humanidade. Concordo que a raiz do problema não está nos “interesses corporativos arraigados” das “Grandes Mulas” (MCLAREN, 2019, p. 448), mas no próprio capitalismo transnacional. Ainda assim, bons pontos de partida para o gambito político revolucionário podem ser bancos, mercados de ações, corporações multinacionais, mídia comercial e empresas de marketing. Professores e ativistas revolucionários freirianos devem ignorar o mecanismo de mercado para escapar das consequências catastróficas do capitalismo transnacional.

Freire enfatizou que a realidade social é uma entidade “em formação” e “o resultado da prática do ser humano sobre a realidade” (Freire, 1975, p. 14); não é um reino de necessidade, mas de liberdade. Consiste em relações diferentes, uma das quais é a relação entre oprimidos e opressores. O mundo histórico e cultural é uma criação humana e, portanto, os humanos podem mudá-lo. O mundo não é uma entidade estática, como Friedrich Engels (1886, p. 5, *itálico no original*) apontou:

“O mundo não deve ser compreendido como um complexo de coisas prontas, mas como um complexo de processos, no qual as coisas aparentemente estáveis, não menos que suas imagens mentais em nossas cabeças, passam por



uma mudança ininterrupta dentre vir a ser a deixar de existir, na qual, apesar de tudo parecer um retrocesso acidental e, acima de tudo, temporário, um desenvolvimento progressivo se afirma no final”.

É decisivo lançar luz interseccionalmente sobre as relações sociais, políticas e práticas burocráticas institucionais que reproduzem opressão, pobreza e várias formas de exclusão que ameaçam destruir todo o planeta e seus habitats. O povo precisa explorar formas alternativas de ser e viver. Ele deve ser ativo nos movimentos sociais que defendem a democracia, os direitos humanos e a luta contra o autoritarismo de direita e o totalitarismo populista. Assim, ele percebe que um “outro mundo é possível”.

O ativismo social revolucionário nos ajuda a compreender as conexões entre nossas próprias experiências vividas, as de outras pessoas, e a construção da história. Dessa forma, também podemos apreender a relação entre nossas biografias e a história, de modo a transformar problemas privados em questões sociais (MILLS, 2000). Ao ensinar os novos agentes de mudança socialista, como afirma McLaren (2000, p. 201), “a opção preferencial é ouvir as vozes que soam do ponto de vista dos oprimidos” e “manter um enfoque internacionalista, para que a criação de significado não esteja embutida apenas no particularismo militante e nas interpretações de comunidades geograficamente delimitadas, e que a conscientização não seja algo confinado ao contexto de uma práxis situada na comunidade com sua singularidade ideográfica”.

Essas questões sociais dão origem a movimentos de massa e projetos políticos que disseminam as ideias de seus participantes, desenvolvem novas ideias e propõem soluções para os problemas sociais. Professores e trabalhadores culturais revolucionários precisam se tornar agentes sociais revolucionários “comprometidos tanto com a compreensão da contiguidade do poder e do conhecimento quanto com a necessidade de transformação social, uma posição que a pedagogia convencional ignora de maneira incapacitante. Essa transformação deve ocorrer de baixo para cima” (MCLAREN, 2000, p. 199).



Os oprimidos se tornam os cozeiros do capitalismo, uma força unificadora para derrubar o destrutivo sistema social capitalista. Nos processos dialógicos freirianos, os participantes entendem o que significa ser um ator humano genuíno e um agente da história, ao imaginar e construir um novo futuro sustentável. Suas ações estão relacionadas às suas experiências e necessidades, não àquelas que a elite governante apresenta e alimenta. Professores e pesquisadores revolucionários freirianos aprendem a ser agentes políticos na práxis revolucionária, entre outras habilidades necessárias. Na luta por um mundo melhor, eles utilizam seus conhecimentos teóricos e pesquisas, delineando as possibilidades de um mundo diferente. Na ação conjunta, eles observam, reúnem informações, discutem, escrevem e publicam suas descobertas. Acima de tudo, eles participam de processos de negociação e trabalho coletivo para reescrever, reinventar e transformar o mundo de forma crítica.

Pesquisadores e pessoas precisam uns dos outros e devem unir forças! Nos círculos de estudo freirianos e em outras plataformas e locais, incluindo a Internet, eles aprendem juntos os mitos ideológicos e as mentiras descaradas que os governam e oprimem. Eles se tornam extremamente cientes de como a elite governante usa e abusa do poder, especialmente em conjunto com o poder econômico e militar, de maneiras que ameaçam o desenvolvimento humano individual e o futuro do planeta. Em tempos de múltiplas crises sistêmicas, como ganância capitalista sem precedentes, mudanças climáticas ameaçadoras e pandemias globais, que não podemos eliminar através da mera esperança, o legado freiriano oferece ferramentas para reflexão crítica e atuação nessas crises. Acadêmicos e jornalistas revolucionários revelam as faces horríveis do capitalismo, por exemplo, a privatização das vacinas Covid-19, embora os estados-nação tenham despejado quantias gigantescas de financiamento na pesquisa, tecnologia e produção de vacinas.



Na luta contra os futuros ataques de vírus biológicos, é igualmente urgente lembrar de resistir aos vírus político-cognitivo-econômicos do capitalismo global hiperintensivo, maximizado por trilhões de transações digitais por dia. Para vencer as cinco características intrínsecas e entrelaçadas do capitalismo de desastre - a hiperacumulação de capital, crescimento compulsivo, extrativismo, colonialidade e política corruptiva (Hosseini, 2020) - para evitar a queda do ecossistema e construir uma nova ordem planetária baseada em igualdades políticas e sociais, justiça atmosférica e ecojustiça, precisamos da comunhão freiriana, solidariedade e luta política (KYLÖNEN, 2017; MISIASZEK, 2019).

Como disse Freire, unidas em todas as cores do arco-íris, as pessoas podem abolir o capitalismo, deter forças econômicas desumanas e reverter o desenvolvimento econômico-tecnológico destrutivo: “O futuro pertence aos povos e não aos impérios” (FREIRE, 2004, p. 56).

REFERÊNCIAS

ALLMAN, P. Paulo Freire's Contributions to Radical Adult Education. **Studies in the Education of Adults**, v. 26, n. 2, p. 144–161, 1994. DOI: [10.1080/02660830.1994.11730603](https://doi.org/10.1080/02660830.1994.11730603).

AU, W. **A Marxist Education. Learning to Change the World**. Chicago: Haymarket Books, 2018.

BURNS, R.; WEBER, T. **Gandhi and Freire on Campus: Theory and Practice in Tertiary Peace Studies Programs. Peace Education Miniprints No. 76**. Malmo: University of Malmo, 1995.

DAS, R. Educators Need to be Educated: Or, ‘Class Struggle’ in Academia. **Capital & Class [online]**, v. 45, n. 3, p. 339-346, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0309816821993534>. Acesso em: 14 mar. 2021.

DARDER, A. **Reinventing Paulo Freire. A Pedagogy of Love**. Boulder: Westview, 2002.



DARDER, A. **The Students Guide to Freire's Pedagogy of the Oppressed.** London; New York: Bloomsbury, 2018.

ENGELS, F. **Ludwig Feuerbach and the End of Classical German Philosophy** [online]. Moscou: Progress Publishers, 1886. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/marx/works/1886/ludwig-feuerbach/ch04.htm>. Acesso em: 14 mar. 2021.

FREIRE, P. Pilgrims of the Obvious. **Risk**, v. 11, n. 1, p. 13-18, 1975.

FREIRE, P. **Política e educação:** Ensaios. São Paulo: Cortez, 1993.

FREIRE, P. **Letters to Cristina. Reflections on My Life and Work.** New York; London: Routledge, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogy of the Heart.** New York: Continuum, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogy of Indignation.** Boulder: Paradigm Publishers, 2004.

FREIRE, P. **Pedagogy of the Oppressed.** New York: Continuum, 2005.

GADOTTI, M.; FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. **Pedagogia: diálogo e conflito.** São Paulo: Cortez, 1995.

GADOTTI, M. **Reading Paulo Freire.** Albany: SUNY Press, 1994.

GAZETA DO POVO, 2019. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/breves/paulo-freire-e-um-vodu-sem-comprovacao-cientifica-diz-weintraub/> Acesso em: 14 mar. 2021.

GIROUX, H. **Teachers as Intellectuals. Toward a Critical Pedagogy of Learning.** Granby, Ma: Bergin; Garvey, 1988.

GIROUX, H. **Schooling and the Struggle for Public Life.** Boulder: Paradigm Publishers, 2005.

HEGEL, G. W. F. **The Phenomenology of Spirit.** Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

HOOKS, B. **Teaching to Transgress. Education as the Practice of Freedom.** New York; London: Routledge, 1994.



HOSSEINI, S. A. On the Urgency of (Re)Integrating with the Radical. **Global Dialogue**, v. 10, n. 3, 2020. Disponível em: <https://globaldialogue.isa-sociology.org/on-the-urgency-of-reintegrating-with-the-radical/>. Acesso em: 14 mar. 2021.

KING, J. Education Research in the Black Liberation Tradition: Return What You Learn to the People. **The Journal of Negro Education**, v. 86, n. 2, p. 95–114, 2017.

KLEIN, M.; FINNEGAN, A.; NELSON-PALLMEYER, J. Circle of Praxis Pedagogy for Peace Studies. **Peace Review**, v. 30, n. 3, p. 270–278, 2018.

KIRYLO, J. **Paulo Freire. The Man from Recife**. New York: Peter Lang, 2013.

KIRYLO, J. (ED.). **Reinventing Pedagogy of the Oppressed**. New York: Bloomsbury, 2020.

KYLLÖNEN, S. **Our Common Tragedy? Essays on Political Philosophy in the Age of Global Ecological Crisis and Local Conflicts**. Helsinki: University of Helsinki, 2017.

LAKE, R.; KRESS, T. (ED.). **Paulo Freire's Intellectual Roots**. New York: Bloomsbury, 2013.

MALOTT, C.; FORD, D. **Marx, Capital, and Education. Towards a Critical Pedagogy of Becoming**. New York: Peter Lang, 2015.

MARX, K. **The Eighteenth Brumaire of Louis Bonaparte**. New York: Die Revolution, 1852. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/marx/works/1852/18th-brumaire/index.htm>. Acesso em: 13 mar. 2021.

MARX, K. **Capital. A Critique of Political Economy**. Moscou: Progress Publishers, 1867. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/marx/works/1867-c1/index.htm>. Acesso em: 13 mar. 2021.

Marx, K. (1970) **Critique of Hegel's Philosophy of Right**. Oxônia: Oxford University Press, 1970.

MAYO, P. **Liberating Praxis. Paulo Freire's Legacy for Radical Education and Politics**. Amsterdam: Sense Brill, 2008.



MCKENNA, B. Paulo Freire's blunt challenge to anthropology: Create a Pedagogy of the Oppressed for Your Times. **Critique of Anthropology**, v. 33, n. 4, p. 447–475, 2013.

MCLAREN, P. **Che Guevara, Paulo Freire and the Pedagogy of the Revolution**. Lanham: Rowman & Littlefield, 2000.

MCLAREN, P. **The Pedagogy of Insurrection. From Resurrection to Revolution**. New York: Peter Lang, 2015.

MCLAREN, P. Unconscious. Revolutionary Critical Pedagogy and the Macrostructural Unconscious. In: FORD, D. (ED.) **Keywords in Radical Philosophy and Education. Common Concepts for Contemporary Movements**. Leiden & Boston: Brill Sense, 2019, p. 426-476.

MILLS, C. W. **The Sociological Imagination**. Oxford; New York: Oxford University Press, 2000.

MISIASZEK, G. **Educating the Global Environmental Citizen. Understanding Ecopedagogy in Local and Global Contexts**. New York; London: Routledge, 2019.

MUELLER, G. (1958) The Hegel Legend of "Thesis-Antithesis-Synthesis". **Journal of the History of Ideas**, v. 19, n. 3, p. 411–414.

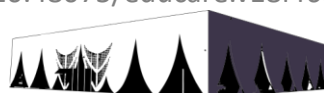
MURDOCH, I. **The Sovereignty of Good**. London; New York: Routledge, 2014.

OLLMAN, B. Marxism and the philosophy of internal relations; or, How to replace the mysterious 'paradox' with 'contradictions' that can be studied and resolved. **Capital & Class**, v. 39, n. 1, p. 7–23, 2015.

OSBORNE, S. Bolsonaro regime to remove Brazilian textbook references to feminism and homosexuality. **Independent**, United Kingdom, 12, feb. 2019. Disponível em: <https://www.independent.co.uk/news/world/americas/brazil-jair-bolsonaro-school-textbook-feminism-homosexuality-lgbt-violence-women-a8775271.html>. Acesso em: 28 out. 2020.

PETERS, M.; BESLEY, T. (ED.). **Paulo Freire. The Global Legacy**. New York: Peter Lang, 2015.

STAŃCZYK, P. The Critique of the Critical Critique of Critical Pedagogy: Freire, Suchodolski and the materialist pedagogy of emancipation. **Critical Education**, v.



12, n. 4, p. 1-24, 2021. Disponível em:

<http://ojs.library.ubc.ca/index.php/criticaled/article/view/186502>.

TORRES, C. **First Freire. Early Writings in Social Justice Education**. New York: Teachers College Press, 2014.

TORRES, C. (ED.). **The Wiley Handbook of Paulo Freire**. London: Wiley-Blackwell, 2019.

CASTRO, L. V. de **Critical Pedagogy and Marx, Vygotsky, and Freire: phenomenal forms and educational action research**. New York: Palgrave Macmillan, 2016.

WOODS, A. The Brazilian Right's Fight Against Its Leftist Boogeyman. **Fair Observer**, 2020. Disponível em:

https://www.fairobserver.com/region/latin_america/andrew-woods-paulo-freire-pedagogy-oppressed-brazil-far-right-education-news-15112/. Acesso em: 28 out. 2020.

Recebido em: 29-10-2022

Aceito em: 14-03-2023

